

Vivendo longe do convívio familiar na velhice

RESUMO

Este artigo objetiva analisar os motivos que levaram os idosos a morarem sozinhos ou em instituições de longa permanência. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvido no município de Cajazeiras, Paraíba. A coleta de dados foi realizada entre grupos de idosos formalmente instituídos no município e em Instituições de Longa Permanência, totalizando 25 idosos que moravam longe do convívio familiar. Observou-se que há fatores diversos envolvidos no processo que levaram aos idosos a morarem sozinhos ou em Instituições de Longa Permanência, visto que a iniciativa pode partir tanto do idoso, como da família e/ou por decisão comum a ambos os grupos. Este trabalho possibilitou analisar os motivos reais que levaram este grupo de idosos a morar longe do seio familiar. É notória a necessidade de estudos nesse campo, assim como o esclarecimento da sociedade sobre os benefícios e malefícios que o afastamento familiar pode causar.

DESCRITORES: Envelhecimento; Habitação; Família;

ABSTRACT

This article aims to analyze the reasons that led the elderly to live alone or in long-term care facilities. This is an exploratory descriptive study, with a qualitative approach, developed in the municipality of Cajazeiras, Paraíba. Data collection was performed between groups of elderly people formally established in the city and in long-stay institutions, 25 elderly people who lived far from family life. It was observed that there are several factors involved in the process that led the elderly to live alone or in long-term institutions, since the initiative can start from the elderly, the family and / or by decision common to both groups. This study made it possible to analyse the real reasons that led this group of elderly people to live far from the family. There is a clear need for studies in this field, as well as the clarification of society about the benefits and harms that family separation can cause.

DESCRIPTORS: Aging; Housing; Family;

RESUMEN

Este artículo objetiva analizar los motivos que llevaron a los ancianos a vivir solos o en instituciones de larga permanencia. Se trata de un estudio exploratorio descriptivo, con abordaje cualitativo, desarrollado en el municipio de Cajazeiras, Paraíba. La recolección de datos se realizó entre grupos de personas mayores establecidas formalmente en la ciudad y en instituciones de larga estancia, con un total de 25 personas mayores que vivían lejos de la vida familiar. Se observó que hay factores diversos involucrados en el proceso que llevaron a los ancianos a vivir solos o en instituciones de larga permanencia, ya que la iniciativa puede partir tanto del anciano, como de la familia y / o por decisión común a ambos grupos. Este trabajo permitió analizar los motivos reales que llevaron a este grupo de ancianos a vivir lejos del seno familiar. Es notoria la necesidad de estudios en ese campo, así como la aclaración de la sociedad sobre los beneficios y maleficios que el alejamiento familiar puede causar.

DESCRIPTORES: El Envejecimiento; Vivienda; Familia;

Jéssica Barreto Pereira

Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). PB, Brasil. Autor correspondente.

Cláudia Jeane Lopes Pimenta

Enfermeira, Mestre e Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). PB, Brasil.

Andressa Pereira do Carmo

Enfermeira. Especialista em Saúde Coletiva pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). MG, Brasil.

Bárbara Letícia de Queiroz Xavier

Enfermeira. Especialista em Saúde da Família pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNI-LAB). CE, Brasil.

Andressa Séfora Queiroga de Sousa

Enfermeira. Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). PB, Brasil.

Thaynara Ferreira Filgueiras

Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). PB, Brasil.

Thiago Ferreira Filgueiras

Enfermeiro. Especialista em Enfermagem em Urgência e Emergência pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). MG, Brasil.

Camila de Souza Xavier

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). PB, Brasil.

Anúbes Pereira de Castro

Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). PB, Brasil.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento mundial representa uma realidade mundial, sendo observado que o número de idosos vem crescendo mais do que os outros grupos etários(1-2). Diante desse cenário, torna-se imprescindível que os países se preparem para atender às necessidades dessa população, a fim de promover uma maior longevidade e uma velhice tranquila, em equilíbrio com o seu bem estar(3-4). De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE(5), até 2050 o Brasil alcançará o total de 259,8 milhões de brasileiros, com expectativa de vida de 81,3 anos, o país se tornará o sexto colocado com o maior número de idosos, sendo semelhante aos países europeus na atualidade.

Essa longevidade pode ser associada com as novas tecnologias e as melhores condições de saúde, o que provocou um aumento na qualidade de vida da população, proporcionando aos idosos um padrão de bem-estar nunca antes vivenciado(6-7). Apesar disso, esse feito provocou aspectos negativos como aumento da violência, abandono e maus-tratos, tornando-se uma realidade frequente em todo o mundo nos últimos anos, o que remete para uma maior atenção à essa população que envelhece(8-9).

Considerando tal situação, surge necessidade da criação de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), que proporcionam uma assistência gerontológica e geriátrica de acordo com as necessidades do paciente. Contudo, a existência de tais instituições gerou um aumento no número de abandonos, tornando-se um grave problema social(10-11). Além desse importante cenário de fragilidade para o idoso, ainda

existem os indivíduos que moram sozinhos, os quais representam quase três milhões de brasileiros, sendo a sua realidade ainda pouco conhecida. Estima-se que ocorra uma elevação nesse número, sendo necessária a presença de ferramentas para alcançar uma qualidade de vida com promoção e preservação do seu bem-estar físico, social e mental(12-13).

Frente ao avanço na quantidade de ILPIs no Brasil e no número de idosos que residem em domicílios unipessoais sem representação de familiares ou agregados, surge a necessidade de se investigar sobre as nuances relacionadas ao assunto. Nesse sentido, tem-se como questão norteadora do estudo: O que levou os idosos a morar sozinhos em seus lares ou em Instituições de Longa Permanência? Assim, o objetivo do estudo foi analisar os motivos que levaram os idosos a morarem sozinhos ou em instituições de longa permanência.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvido com 25 idosos que moravam longe do convívio familiar, entre os meses de outubro e novembro de 2015, sendo organizados em dois grupos: o primeiro era composto por 15 indivíduos que moravam sozinhos e que participavam das atividades de um grupo de idosos; e o outro, era formado por 10 idosos que residiam em três Instituições de Longa Permanência (ILPI), ambos localizados na cidade de Cajazeiras, PB.

Como critérios de inclusão foram definidos: ter 60 anos ou mais, participar do grupo de idosos e viver sozinho ou ser

morador de uma das três ILPIs do município de Cajazeiras, apresentar capacidade de compreensão e comunicação verbal. E como critérios de exclusão, estabeleceram-se: indivíduos que têm representação familiar frequente, ou seja, recebem visitas duas ou mais vezes ao mês; indivíduos com capacidade cognitiva prejudicada ou que apresentam distúrbios emocionais, haja vista que isto dificultaria a abordagem de aspectos que envolvam sua vida íntima.

Para coleta de dados, foram realizadas visitas semanais aos locais da pesquisa para realização das entrevistas. Utilizou-se um gravador para registro e armazenamento das falas, as quais abordaram a caracterização da institucionalização e os aspectos relacionados à moradia distante de familiares/agregados, a descrição de aspectos da vida no contexto familiar e os dados sobre o estado geral do idoso.

A análise das falas deu-se através da Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin(14), ocorrendo categorização dos temas que emergiram, os quais foram divididos em categorias e subcategorias. Para preservar a identidade dos idosos, foram utilizados como identificadores a letra “I” seguida do número ordinal referente à ordem de entrevista. Foram obedecidos todos os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo este estudo aprovado sob parecer n.º 1.253.933 e CAAE: 44857715.3.0000.5575(15).

RESULTADOS

Participaram deste estudo 25 idosos, dos quais 18 eram mulheres e sete homens, com idade variando entre no mínimo 63 anos

e máximo de 81 anos, apresentando raça/cor autodeclarados branco, com estado civil mais predominante viúvo, grau de escolaridade fundamental incompleto e renda entre um a dois salários mínimos.

Por meio da análise das falas dos entrevistados, emergiram duas categorias Estilo de coabitação e Relacionamento familiar, e suas respectivas subcategorias.

Estilo de coabitação

Nesta categorização, partiu-se do questionamento referente aos motivos que levaram os idosos a morar sem seus familiares. Assim, acentuam-se as falas:

“Eles me trouxeram pra cá, não foi eu não. Eu ia passando para aquele outro, como é. Elas deixaram eu pra ver se eu ficava boa do meus olhos, mais eu não fico” [15, 71 anos, sexo masculino, institucionalizada].

“Foi minha, não foi da parte de ninguém que vim mora aqui. Minha mãe ainda era viva quando eu dizia assim, mãe quando eu tiver velhinha eu quero morar no abrigo. E eu vim mesmo, eu tinha vontade de vim. Toda minha família teve prazer porque eu vim” [119, 63 anos, sexo feminino, institucionalizada].

“Porque eu gosto da independência, gosto muito de passear, de sair, de participar das minhas reuniões, gosto de ir a minha missa nos dias de domingo” [16, 64 anos, sexo feminino, não institucionalizada].

Ao serem indagados se gostam de morar sem os familiares ou agregados, os idosos destacaram os seguintes aspectos relacionados:

“É o jeito, né? Moro longe e cada um vai para o seu canto e a gente mora separado, né? Mas, quando tinha ‘tudim’ e morava tudo perto era bom. Tenho medo à noite, ficar

doente” [18, 73 anos, sexo feminino, institucionalizado].

“Eu já ‘tô acostumada. Eu vou pra lá [ILPI], eu danço, eu pulo, vou para minhas reuniões, vou pra o grupo de idosos, eu ando tudim” [111, 69 anos, sexo feminino, não institucionalizada].

Relacionamento familiar

Os idosos foram questionados sobre o seu relacionamento com os familiares e, a partir disso, emergiu uma discursão sobre a existência de familiares, recebimento de visitas, caracterização da relação familiar e importância da família na vida do idoso.

Quando questionados se os idosos possuíam familiares que residiam próximo, apenas dois relataram a existência de indivíduos da família:

“Tenho um filho que mora ali nos cocos [zona rural da cidade], trabalha lá nos cocos. Ele tem dois filhos, um mora em São Gonçalo e trabalha no Pará e outro mora em São Paulo” [118, 78 anos, sexo feminino, institucionalizado].

“Tenho [familiares]. Eu tenho mãe ainda” [120, 72 anos, não institucionalizado].

Dentre os idosos entrevistados, dois referiram receber visitas de familiares, contudo, percebe-se que esses encontros não são frequentes. E outro idoso relatou não receber visitas de nenhum familiar:

“É difícil eles virem. Eles têm ocupação deles, né?” [18, 79 anos, sexo feminino, não institucionalizado].

“É uma vez por ano, tanto da família do meu marido, quanto dos meus filhos. Ai minha irmã, tem vezes que vou lá, fico um dia” [114, 62 anos, sexo feminino, não institucionalizado].

“Não, ninguém vem aqui não” [11,

73 anos, sexo masculino, institucionalizado].

Em relação à caracterização do núcleo familiar, foi possível observar fatores relevantes que poderiam influenciar na vivência da velhice longe do convívio familiar, como o afastamento dos filhos que moram em regiões distantes e a existência de problemas internos.

“Nunca, meus filhos nunca me deram canseira. Eles cresceram lá em São Paulo, casaram lá, moram tudo para lá, têm os trabalhos deles lá. Estão tudo por lá. Que Deus abençoe” [111, 69 anos, sexo feminino, não institucionalizado].

“É normal, já que toda família tem seus problemas” [121, 82 anos, sexo feminino, institucionalizado].

Em relação ao questionamento sobre a importância da família na vida daquele idoso, observou-se que os familiares se apresentam como um apoio para alguns indivíduos. Todavia, também foi evidenciado um possível ressentimento ou mágoa de um dos idosos, haja vista que este relatou que os familiares não seriam importantes em sua vida, conforme evidenciado nas falas a seguir:

“Pra mim é tudo, qualquer problema que a gente tem, a gente divide um com outro. Porque problema todos nós temos. Morando perto é mais complicado, mas morando distante é muito bom. A gente quando tem as coisas da gente a gente divide um com outro, tanto daqui pra lá, quando de lá para cá” [114, 62 anos, sexo feminino, não institucionalizado].

“Não, são importantes não” [124, 83 anos, sexo feminino, institucionalizado].

DISCUSSÃO

De acordo com a Categoria I, Estilo de coabitação, quando falamos no estilo de coabitação, destaca-se entre idosos institucio-

nalizados que a maioria não foi levada para uma instituição por vontade própria, mas por decisão de seus familiares ou a partir de acordo comum. Uma pequena amostra preferia morar em ILPI, seja por desejo próprio ou por acreditar que causaria incômodo em virtude de suas limitações, tornando-se um peso para aqueles com quem tem seus laços consanguíneos.

A família, ao procurar uma ILPI como local para seu familiar residir, tem o objetivo de proporcionar um ambiente diferenciado do que está presente no domicílio, que ofereça cuidados e companhia, além de um espaço de convivência e socialização, pois as causas para a separação podem ser interligadas à longevidade da população somadas às dificuldades culturais e socioeconômicas que envolvem os idosos e seus cuidadores, ou ainda, ao comprometimento da saúde do idoso e da família, à ausência do cuidador no domicílio e aos conflitos familiares(16).

No decorrer da conversa, alguns idosos demonstraram insatisfação e, ao mesmo tempo, aceitação pela institucionalização, afirmaram estar satisfeitos por terem um lugar para morar, comida e onde dormir, além de relatarem que gostam do local e que são bem cuidados, por isso, apresentam uma convivência amigável com todos. Muitos idosos sentem vergonha em dizer que foram internados involuntariamente, preferindo argumentar que a internação se deu devido a problemas de saúde ou por falta de condição da família, tentando esconder as ameaças sofridas dos próprios familiares(17).

Alguns idosos concordam com a condição de serem institucionalizados, revelando motivos diversificados para tal acontecimento, como a falta de recursos financeiros próprios ou de familiares, a crença de se tornar um peso para seus familiares, o próprio desejo pela institucionalização para evitar a solidão na velhice e a preferência pela vida em comunidade, convivendo com indivíduos da mesma faixa etária(18). A fala I19 evidencia bem esta situação, pois a idosa era satisfeita por estar no abrigo e convivendo com outros idosos, considerava-se uma pessoa feliz naquele ambiente, assegurava que



Crédito: Projetado por Freepik

sempre tinha sido da sua vontade estar ali e que os filhos, mesmo distantes, visitavam-na quando podiam e telefonavam sempre.

Em relação aos idosos que moram sozinhos, nos foi revelado que os seus parentes foram deixando, lentamente, o convívio familiar, para seguir a suas vidas. Em outros casos, em decorrência da viuvez, aos poucos, a família foi se dispersando e, mesmo aqueles idosos que os filhos chamaram para conviver com eles, preferiram continuar em suas casas, com a sua vida, suas rotinas sem interferir na rotina de outros lares. Muitos idosos, acham que se tornam fardos para familiares, outros têm autonomia nas suas próprias decisões e gostam de viver dessa forma(19).

A liberdade na velhice é vista como uma conquista bem-sucedida, geradora de satisfação e bem-estar e envolve determinados aspectos, tais como entusiasmo, determinação, fortaleza e congruência, apresentando conceito positivo de si mesmo e bom humor. A vida torna-se, então, mais agradável e feliz(20-21).

Entendemos que para uma pessoa idosa sentir a sensação de liberdade citada acima,

deve ter uma estimável qualidade de vida que determina as suas condições diárias, como fica claro nas falas I6 e I19, nas quais se expressa o valor dessa liberdade, da autonomia que elas têm de ir e vir e do que está disposto no seu dia, sendo, portanto, ativos e capazes de se cuidarem sozinhos. Corroborando com o presente estudo, uma pesquisa(22) realizada na cidade de Erechim, RS, com 12 participantes, identificou que ter liberdade para gerenciar a própria vida faz com que o idoso demonstre estar apto para tomar as próprias decisões, sendo uma das condições chave para um processo de envelhecimento mais prazeroso e significativo. É imprescindível tal reconhecimento, dessa forma, não o impedindo de exercer plenamente seu arbítrio, estimulando a desfrutar os seus direitos, sua capacidade física e existencial.

É notório quando falamos sobre os sentimentos relacionados à moradia sem familiares/agregados que as falas expostas divergem, pois alguns idosos afirmam que gostam de viver sozinhos, outros que não se sentem satisfeitos, recusando sequer discutir sobre isso. Por outro lado, outros afir-

mam que, por falta de opção, aceitaram essa nova realidade e, apesar disso, não reclamam. Em contrapartida, outros idosos sentem saudades do passado, quando tinham os seus familiares por perto, revelando uma possível mágoa causada pelo distanciamento dos seus entes queridos.

Desta forma, os idosos que moram sozinhos e que não apresentam seus familiares por perto, sentem-se desprotegidos, apesar da independência que possam ter, relatam ter medo de adoecer, de passar por procedimentos cirúrgicos ou internação e ficam aflitos apenas em pensar nesse assunto, porque talvez aqueles parentes vivos não tenham como vir cuidar deles.

Os idosos institucionalizados apresentam uma melhor condição que os indivíduos que moram sozinhos, pois, apesar de estarem afastados do seu convívio familiar, têm à sua disposição uma equipe de pessoas capazes de prestar os cuidados necessários para sua recuperação, assim como para promoção da saúde e bem-estar. Os cuidadores, passam a ser uma base de apoio para cuidados de higiene e também nos diálogos, assumindo, algumas vezes, o papel da família que se encontra ausente.

No entanto, um estudo(18) realizado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), revelou que os idosos podem viver muito bem sozinhos. Tal constatação se deu no acompanhamento a um grupo de pessoas na terceira idade, que reside em São José dos Campos, São Paulo. Percebeu-se que este grupo vivia feliz, mesmo sem morar na companhia dos familiares, ao contrário do que os estudiosos pensavam. Para os idosos, a sensação de independência leva muitos a preferir não morar com parentes.

Viver em um asilo pode até oferecer possibilidade de acolhimento e de expressão das pessoas, mas não é o mesmo que viver em uma família, em que os laços do passado e do presente estão vivos e são compartilhados afetiva e socialmente(23). Assim, os idosos que afirmam não gostar de viver sem os familiares e longe de suas casas, são em sua maioria, aqueles que vivem abrigos.

Na categoria II, Relacionamento Familiar, com relação a discussão sobre a existência da família, ficou claro que os idosos

sabem exatamente onde se encontra cada familiar. As famílias, ao deixarem de cuidar de seus idosos, provocam aumento no número de indivíduos institucionalizados e/ou que preferem viver sozinhos. A convivência cotidiana e familiar de origem, constituída por pais e irmãos, torna-se, na maioria das vezes, esporádica(24).

De acordo com o recebimento de visitas, percebemos que os idosos, ao falar de seus familiares, ficam aparentemente abatidos, principalmente aqueles que não recebem visita alguma. Estes são extremamente carentes de atenção, de escuta e de compreensão, com um olhar longilíneo, representando sentimento de saudade e solidão. São, na maioria, residentes de ILP, tendo como principal característica o abandono(22).

Os idosos não institucionalizados apresentam uma característica muito importante, embora referirem não receber visitas de seus familiares, têm uma relação muito amigável com a sua vizinhança, assim, não perdem a sua identidade social. Todavia, os idosos institucionalizados acabam perdendo essa identidade, pela própria característica de sua moradia, onde o seu convívio diário ocorre apenas com os profissionais cuidadores, ficando limitados àquele local.

Na categoria II, ao falarmos das características da relação familiar, todos os idosos afirmaram que o relacionamento com os familiares era bom, mesmo aqueles que apresentavam histórico de maus-tratos. Segundo eles, viviam felizes perto daqueles que amavam, sentiam-se acolhidos e, apesar de todos os problemas, sentem saudade.

A família, em qualquer idade, é considerada social e culturalmente a base do habitat de uma pessoa, porém, a fase da velhice exige desse ambiente cuidados com alterações hormonais, culturais e psicológicas, além das necessidades que demandam cuidados fisiológicos e psicológicos(22).

Em uma pesquisa(23) realizada em Campinas, São Paulo, com 22 idosos institucionalizados, verificou-se que, ao perguntar como era o relacionamento do idoso com a família, 62% considerava positivo e 21,4% considerava ótimo, o que, segundo os pesquisadores, não se considerava como algo real, haja vista que 63% dos idosos fo-

ram abandonados e a própria família impôs a institucionalização.

Em relação à importância da família na vida do idoso, observa-se que, para a maioria dos entrevistados, a família é considerada como algo muito importante. Alguns apresentam um maior vínculo, apesar de se verem apenas em encontros anuais, recebem telefonemas e cartas, assim, não perdem totalmente o laço familiar. Outros apresentam maior preocupação, principalmente, com seus filhos que tiveram de deixar seus pais para procurar melhoria de vida em outros Estados.

Na fala I24, percebe-se que a negação da importância familiar, esta vivia em intuição de longa permanência e demonstra frustração por ali se encontrar, alegando que teria condições de viver sozinha em outro local. A mesma, não entende o porquê do desaparecimento dos seus familiares, magoada por ter sido abandonada, questiona os motivos desse comportamento. Diante disso, identifica-se a razão pela qual esta afirma que a família não é considerada importante, pois acredita não ser importante para seus “entes queridos”.

O sentimento de saudade é observado em todas as falas, mesmo na falta de afirmação da importância familiar, a carência de atenção, da necessidade de escuta ou de um simples gesto de carinho, o que é notório durante a duração da entrevista e da convivência com idoso nas distintas localizações. Contudo, os idosos que estão em instituições de longa permanência chamam maior atenção por terem sido tirados do convívio social com pessoas de diferentes idades, tendem a chamar atenção e a buscam envolver o entrevistado com a sua história, com evidência maior naqueles que não recebem visitas, sendo esses os mais carentes(24).

A participação dos familiares apresenta efeitos positivos, especialmente, quando se trata de filhos, sendo fundamental para qualidade de vida(16). Em nossa análise, isso é evidenciado através das afirmativas da importância familiar. Ao envelhecer, ocorre a necessidade de mais cuidados, atenção, amor e muito afeto, os sentimentos afloram facilmente, intensificando a infinita nuance de afeto e amor com a família(22).

CONCLUSÃO

Este trabalho possibilitou analisar os motivos que levaram os idosos a morar longe do seio familiar. Percebe-se que há alguns fatores envolvidos nesse processo, visto que a iniciativa foi tomada tanto pelo idoso, que buscava a preservação da sua identidade, liberdade e rotina, quanto por meio da família que, por vários motivos, chegou à conclusão de que não teria condições de cuidar, optando pela institucionalização. Em menor proporção, essa escolha também foi feita por decisão de ambas as partes, na

busca por uma melhor qualidade de vida na fase de envelhecimento.

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de uma maior atenção à saúde do idoso institucionalizado e do idoso que vive sozinho por parte do enfermeiro, haja vista que, em ambos os grupos, tais indivíduos apresentam necessidades singulares e que devem ser sanadas em todos os seus níveis de complexidade.

Nesse sentido, torna-se importante a consulta de enfermagem e a visita domiciliar como forma de prestar uma assistência

de qualidade à pessoa idosa, permitindo ao enfermeiro desenvolver intervenções que tragam resultados positivos para esse público, como a prestação de orientações sobre utilização adequada dos medicamentos, importância da prevenção de quedas, controle de doenças próprias do envelhecimento, manutenção da capacidade funcional, bem-estar e qualidade de vida, além do fortalecimento do vínculo entre profissional e paciente, promovendo, assim, benefícios para o processo de cuidar ■

REFERÊNCIAS

1. Medeiros FAL, Rodrigues RPL, Nóbrega MML. Visão de acadêmicos de enfermagem em relação ao processo de envelhecimento. *Rev Rene*. 2012 13(4):825-33.
2. Araújo EC, Martins KP, Lima RJ, Costa KNFM. Concern with falls in elderly people attended in Integral Attention Center. *Rev Eletr Enf*. 2016; 18:e1186.
3. Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa. É possível prevenir. É necessário superar. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2015.
4. Oliveira AAV, Trigueiro DRSG, Fernandes MGM, Silva AO. Maus-tratos a idosos: revisão integrativa da literatura. *Rev Bras Enferm*. 2013; 66(1):128-33.
5. IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios. 2002.
6. Lobo AJS, Santos L, Gomes S. Nível de dependência e qualidade de vida da população idosa. *Rev Bras Enferm*. 2014; 67(6):913-9.
7. Castro AP, Guilam MCR, Sousa ESS, Marcondes WB. Violência na velhice: abordagens em periódicos nacionais indexados. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2013; 18(5):1283-92.
8. Souza LM, Mathias HA, Bretas AC. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010; 15(6):2835-43.
9. Brasil. Legislação sobre o idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso) e legislação correlata. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados. 2013.
10. Reis LA, Oliveira EM, Oliveira TA, Caires R, Santos BS. Perfil sociodemográfico e de saúde do idoso em instituição de longa permanência para idosos em Vitória da Conquista/BA. *Inter Scientia*. 2013; 1(3):50-9.
11. Jerez-Roig J, Souza DLB, Andrade FLJP, Lima Filho BF, Medeiros RJ, Oliveira NPD et al. Self-perceived health in institutionalized elderly. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2016; 21(11):3367-75.
12. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios – 2014.
13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 2009.
14. Bardin, L. *Análise de conteúdo*. 1. ed. São Paulo: Edições 70; 2011.
15. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
16. Melo AD, Costa AVB, Dantas PBF, Maia AHS, Nunes VMA, Alchieri JC. Necessidades afetivas de idosos residentes em Instituições de Longa Permanência. *J Health Sci Inst*. 2014; 32(3):271-6.
17. Costa MCNS, Mercadante EF. O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. *Revista Kairós Gerontologia*. 2013; 16(2):209-22.
18. Araújo CK, Cardoso CMC, Moreira EP, Wegner E, Areosa SVC. Vínculos familiares e sociais nas relações dos idosos. *Revista Jovens Pesquisadores*. 2012; 1:97-107.
19. Camargos MCS, Rodrigues RN, Machado CJ. Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre a decisão de morar sozinho. *Rev Bras Estud Popul*. 2011; 28(1):217-30.
20. D'Alencar BP, Mendes MMR, Jorge MSB, Rodrigues MSP. Significado da Biodança como fonte de Liberdade e Autonomia na auto-reconquista no Viver Humano. *Texto Contexto Enferm*. 2006; 15(spe):48-54.
21. Lima TMM, Sá MFF. A família e o idoso entre dois extremos: abandono e superproteção. *Revista da Faculdade Mineira de Direito*. 2013; 16(31):69-79.
22. Silva LO, Caronago VM. Etnografia de idosos que moram sozinhos: desafios e possibilidades. *Id on Line Rev Psi*. 2016; 10(32):3-17.
23. Dias SG, Carvalho CS, Araújo CV. Comparação da percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2013; 16(1):127-38.
24. Morais JC, Santos KF, Andrade CG, Costa ICP, Brito FM, Fernandes MGM. Meaning of care: professional and institutionalizes elderly view. *J Nurs UFPE on line*. 2015; 9(Suppl 7):8937-45.